

Lilian Rocha. *Agô*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2022. 112 p.
ISBN 978-65-89863-14-4

Quem não conhece Lilian Rocha? A poetisa negra do Sopapo Poético?¹ Sim, ela é referência para muitas escritoras negras. É presença marcante nas noites de poesia desse sarau mensal que também é um ponto de resistência da Literatura Negro-Brasileira em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Essa escritora de corpo e alma é reconhecida por sua performance poética, caracterizada por sua voz potente e por suas palavras certeiras. Lilian vem da linhagem da tradição oral da literatura, sendo uma presença da África na América do Sul, uma *amefricana*, segundo a filósofa Lélia Gonzales.

Quando Lilian declama seus poemas, o público fica encantado pela sua força poética: ela é toda poesia, no corpo e na voz. Uma linda mulher que traz a verdade em sua fala, palavras que revolucionam a cena literária afro, onde quer que se apresente:

NEGRAS

Mulheres negras
Somos solitárias?
Não
Somos raivosas?
Não
Somos barraqueiras?
Também não
Somos sim
Amorosas
Lutadoras
Belas
Trabalhadoras
E o que quisermos ser
Não nos coloquem rótulos
Estereótipos
Não tapem nossas bocas

¹ O sarau SOPAPO POÉTICO – Ponto Negro de Poesia – é realizado pela ANdC (Associação Negra de Cultura) desde 2012, de março a novembro, sempre na última terça-feira do mês em Porto Alegre/RS. A exemplo de outros saraus afro-brasileiros, o encontro celebra o protagonismo negro, em uma roda de atuações, reflexões e convivências afrocentradas. In: <http://sopapopoetico.blogspot.com/>

Não sufoquem nossas histórias
Nós não permitimos
E nem passamos pano
Para o teu preconceito
Sacudimos a poeira
Dos tapetes da escravidão
De areia
Passamos o pedregulho
Carregamos rochas
Mas também somos
Leveza, acolhimento
Com todo direito
De sermos
Mulheres
Em construção.
(p. 81)

Sua carreira inicia com a publicação de *A Vida Pulsa* (Alternativa, 2013), livro que a tornou conhecida nos diversos saraus da capital sul-rio-grandense. Em 2016, publica *Negra Soul* (Alternativa, 2016), onde o eu lírico assume a identidade negra desde a estética do cabelo, símbolo da negritude, até a palavra combativa de luta contra o racismo. Com essa publicação, sua performance inova pelo acréscimo do canto de trechos musicais, em alto e bom som, canções que dialogam com os poemas e emocionam quem escuta a voz daquela que também é musicista.

Em Lilian Rocha, a voz poética tem sentido figurado e literal. Não basta apenas ler seus poemas, é preciso escutar a voz da poetisa, que também vem divulgando seu trabalho nas redes sociais. E assim, com a publicação de *Menina de Tranças* (Taverna, 2018), seu terceiro livro, Lilian começa a gravar canções de seus poemas, que foram musicados por diversos compositores como José Carlos Rodrigues, Jorge Foques e Duda Fortuna.

GRITARAM

Gritaram o teu nome
No meio da noite
A lua brilhava
E as sombras
Escondiam
O teu corpo
Caído no chão
Gritaram de novo
Berraram até
Já não ouvias
Observavas de cima
Teu corpo preto
Inanimado
Olhos vidrados

Ferido na alma
Que já foi embora
Luís Roberto
Gritaram novamente
Só poderia ser
A Dona Maria
Mãe quando chama
Pelos dois nomes
É porque é sério.
(p. 102)

A caminhada poética de Lilian a levou ao merecido reconhecimento de ser escolhida como Patrona da Feira do Livro de Canoas em 2021. Ela foi a terceira mulher negra a ocupar esse posto, depois da nossa predecessora Maria Helena Vargas da Silveira, a *Helena do Sul*, Patrona da Feira do Livro de São Lourenço em 1995 e da professora da UFRGS, Fernanda Oliveira, Patrona da Feira do Livro de Pelotas em 2019.

Trouxe essa breve biografia para quem ainda não a conhece e para apresentar seu mais recente livro, *Agô*, cujos poemas ilustram essa resenha. A publicação traz os agradecimentos aos irmãos Maria Aparecida e Kléber, que, junto com Lilian, publicaram, em 2016, a biografia da mãe: *Leli da Silva – Memórias: Importância da História Oral* (Alternativa, 2018), um registro histórico que, dentre tantas informações, ressalta a importância dos Clubes e Sociedades Negras de Porto Alegre, territórios de transmissão da cultura africana e de acolhimento do povo negro que, no estado do Rio Grande do Sul, vivenciou por décadas, *apartheids* de espaços brancos e excludentes.

SEMENTES

No solo
Da Pátria-mãe
Lágrimas de chuva
Molham o nosso passado
Colonialista, escravocrata
Sementes brotam
Não querem ser sufocadas
Lutam contra os espinhos
Da ignorância, do preconceito
Crescem à margem
Do centro
Porém cada vez mais
Se fortalecem
No sol da esperança
No Ubuntu
Do olhar da criança
Arbusto, árvore
Com frutos
Renascem.

(p. 53)

“Agó”, do idioma iorubá, significa pedir permissão e Lilian escreve mais um livro com a licença que pede aos seus ancestrais, sua mãe e seu pai, os quais aparecem no poema de abertura: “Sábias Palavras” (p. 17). Aqui, o eu lírico através da licença poética faz um desenho da sua árvore genealógica que a destina, pelas mãos de seus genitores, a trabalhar com música e literatura.

A epígrafe traz a voz da mais velha Conceição Evaristo: “Nossos poemas/ Conjuram e gritam.”, anunciando assim a *seção Agô I – Minhas mais velhas*, confirmando a escolha da autora por uma poética de aquilombamento e denúncia do racismo.

Tendo como patronesses em Academias Literárias as escritoras Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis, Lilian segue os passos que vêm de longe na tradição da literatura de autoria de mulheres negras brasileiras: um projeto estético, político e ideológico que abre uma fissura no cânone eurocentrado das tradicionais letras brasileiras. Elas lhe concederam a licença poética que Lilian pediu para seguir escrevendo e publicando.

EU TE VI

Juro que te vi
Como negar
A tua existência
Tua exuberância
Tua plenitude
Mesmo que todos finjam
Mesmo que todos te invisibilizem
Eu te vi
E fiz um pacto contigo
A nossa dororidade
Cúmplice
Da nossa amizade
De braços dados
Ou erguidos
Nos enxergamos
Na inteireza
Da nossa humanidade.
(p. 56)

Ana dos Santos

Poeta e doutoranda em Letras na UFRGS

e-mail: ana.flordolacio@gmail.com